Identificação adesiva*

*Donald Meltzer***

A psicanálise é de tal forma um objeto e método essencialmente histórico que não faz sentido falar dela de outra forma que não seja através de sua história e, com certeza, temos que começar com Freud.

Entretanto a história é como a lei: a lei é o que o tribunal faz, e a história é o que os historiadores dizem: a minha história é diferente da sua história e não devemos esperar que necessariamente haja correspondência. A Psicanálise é uma ciência muito peculiar. Ainda não comecei a entender como ela acontece ou se desenvolve e porque algumas vezes não há desenvolvimento enquanto em outras vezes parece ir em disparada. Pode-se perceber no trabalho de Freud que embora se considerasse um cientista indutivo, certamente não trabalhava de forma puramente indutiva. Podemos ver que às vezes trabalhava de forma dedutiva. O processo de seu desenvolvimento está documentado de forma interessante. Nós temos, neste maravilhoso e de alguma forma terrível, "Projeto para uma Psicologia Científica", um documento que esclarece a massa de preconcepções que ele teve que ir deixando de lado até conseguir livrar-se delas para mudar de um neurofisiologista, para o grande psicólogo

* Identificação adesiva - D. Meltzer: Revista: Contemporary Psychoanalysis. Vol. 11, nº 3 pgs. 289-310, 1975.

** Tradução de Daisy Maia Bracco, do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

fenomenologista em que finalmente se tornou. Penso que na verdade, todos nós temos que fazer isso. Nós adquirimos através de nossa educação e desenvolvimento, preconcepções maciças de modelos, teorias e idéias, das quais temos que gradualmente nos libertar para nos sentirmos livres para receber novas impressões, pensar novos pensamentos e formar novos modelos. Parece-me que este é um processo extremamente difícil e tende invariavelmente a abortar.

O que nos leva para a frente parece começar em nossos consultórios, e isso se dá quando nos sentimos em dificuldades, e achamos que nada de bom está acontecendo, e temos que começar a pensar de novo. O que eu vou apresentar é realmente o resultado de ter me sentido em dificuldades e porisso tive que começar a refletir acerca disso, procurando novos modos de pensar. Este processo, "identificação adesiva", que vou descrever é alguma coisa que Esther Bick e eu começamos a trabalhar de formas próprias, separadamente. Conversamos muito no começo da década de 1960 depois da morte de Mrs. Klein. Sentíamo-nos terrivelmente sós, desde que a pessoa que tinha estado carregando o fardo, se fora. Cada um tinha que pegar um pedaço daquilo que pudesse carregar.

Durante esse tempo Mrs. Bick estava trabalhando de muitas maneiras. Em primeiro lugar ela introduziu a observação de bebês no curriculum da Clínica Tavistock no treinamento de psicoterapeutas de crianças, e no Instituto de Psicanálise. Ela estava trabalhando muito nisto, tratando de pacientes psicóticos e supervisionando muitos tratamentos de crianças. Lembro de um tempo em que ela me dizia: "Oh! Eu não sei como falar acerca disso, eles são exatamente assim (apertando suas mãos juntas).". "É alguma coisa diferente."

Por muito tempo eu não soube do que ela estava falando. Nesta época eu estava trabalhando com um grupo heterogêneo de pacientes neuróticos, analisando candidatos e um ou dois pacientes esquizofrênicos, atendendo algumas crianças e supervisionando muito trabalho realizado com crianças. Comecei a descobrir coisas com crianças autistas que também pareciam coladas juntas. Gradualmente começamos a perceber algo novo e interessante, mas para compreender isso devemos voltar a história e é isso que vou fazer agora.

Os processos de identificação parecem ocupar um lugar muito peculiar nos escritos de Freud. Ele foi muito brilhante em observá-los como fenômenos, e desde os "Estudos Sobre Histeria", os processos de identificação são mencionados. Elizabeth era identificada com seu pai e sua mãe. Dora era identificada; o Homem dos Ratos era identificado e isto é repetido muitas vezes e mencionado como alguma coisa que tem a ver com imitação, alguma coisa que se relaciona vagamente com caráter. Aí, ele chega ao artigo de Leonardo. Embora de muitas maneiras não seja um bom artigo do ponto de vista da história da arte, para mim parece ser um artigo importante do ponto de vista da história analítica, porque é realmente a primeira vez que Freud tenta tomar uma vida de uma forma mais abrangente e tenta compreender a vida de alguém. Isso foi um grande movimento de avanço para ele, no

sentido de poder separar a patologia, de uma matriz de processos de saúde e de vida. Nos primeiros escritos ele parecia estar mais interessado na psicopatologia do que na saúde e nas pessoas.

O artigo de Leonardo começa alguma coisa diferente, falando de processos de identificação de uma forma mais significativa e relacionada com o princípio de um conceito de narcisismo, afirmando que há alguma coisa que ele gostaria de chamar de identificações narcísicas.

No Homem dos Lobos também parece reconhecer identificações narcísicas e percebe que isso tem a ver com identidade, alguma coisa a ver com distorções de identidade.

Aí, repentinamente, ele começou a se interessar em ideal do ego e ego ideal, para finalmente em 1920 chegar ao superego.

O conceito de identificação vem a ser utilizado, de repente de uma maneira muito diferente. Usando o termo de Ferenczi, Freud fala da introjeção no ego e do estabelecimento de uma diferenciação dentro do ego, através da qual uma parte é separada dele, como superego, chamando este processo de identificação.

Isto é muito intrigante porque parece instaurar-se uma voz interna, uma função de observação, uma parte do ego que agora o observa e o critica. Freud parece agora esquecer rapidamente a outra função do ego ideal, que é de encorajar e apoiar o ego, realçando seus aspectos mais duros, restritivos e punitivos.

De qualquer forma este uso conceitual do termo identificação, para o processo pelo qual o superego é estabelecido, parece não estar de acordo com o uso fenomenológico do termo identificação, como ele é usado na descrição de material clínico, em que parece associar-se com imitação e ser como outra pessoa.

O superego não parece ser uma parte do ego, como Freud havia dito, e nem induzir manifestações de caráter. De fato caráter, neste período, a se julgar pelo título do artigo "Caráter Anal" ou "Tipos de Caráter encontrados na Análise", parece estar ligado principalmente à teoria da libido e o modo através do qual a libido fica diversificada, inibida, sublimada, sujeita a formações reativas e assim por diante.

A idéia de Freud era que o caráter seria construído através das maneiras de lidar com as vicissitudes do instinto. Este problema intrigou-me enormemente enquanto ensinei, ano após ano, e sempre tentei compreendê-lo.

Comparando o artigo de Freud "Luto e Melancolia" com o de Abraham "Melancolia e Estados Maníacos Depressivos", pode-se ver que há uma diferença muito importante no tipo de modelos que os dois tinham em mente.

Freud, em "Luto e Melancolia" entra numa terrível confusão sobre quem está lesando quem. É o ideal do ego que está lesando o ego? Estaria o ego lesando o objeto que foi colocado dentro dele? Por outro lado Abraham é bem claro acerca disso e fala em termos bem concretos. Ele diz que um objeto foi atacado internamente e virou fezes, foi então defecado e compulsivamente reintrojetado por um processo que tem o sentido de comer fezes e que este objeto fecal é então estabelecido internamente.

Esta é uma maneira pela qual Freud nunca poderia ter falado, devido a uma razão muito importante.

Ele não poderia se livrar das preconcepções de ordem neurofisiológicas por um lado e por outro lado do assim chamado modelo hidrostático do instinto, a fim de conceber a mente como um lugar, um espaço. Em nenhum de seus escritos há a conceptualização de espaços. Onde se aproxima mais disso é no caso Schreber, falando da fantasia de destruição do mundo. Fala aí acerca de que mundo seria destruído, interno ou externo, porém ilude o problema de maneira muito peculiar dizendo que era um mundo que foi construído através de um precipitado de identificações e sublimações.

Nunca compreendi o que ele queria dizer com isso. Parece que aqui também evita o problema terrivelmente.

Vocês podem lembrar que ele fala deste mundo como tendo se despedaçado, pela retirada da libido. Como se uma espécie de imã pudesse retirar a argamassa entre os tijolos, fazendo portanto tudo desmoronar. Mas depois, numa nota de rodapé, em que transcreve o poema de Heine, torna bem claro que este mundo foi esfacelado. Não somente desmoronou por negligência, retirada ou falta de interesse, mas foi mesmo despedaçado.

Acredito que é possível evidenciar que Freud tinha alguma espécie de dificuldade em permitir-se passar de um modelo conceptual, para um modelo no qual há uma concepção de algo muito concreto – o interior da mente como uma espécie de lugar onde as coisas podiam realmente acontecer e não apenas serem imaginadas. Este termo – imaginado – não é de fato suficientemente bom para descrever os acontecimentos mentais. Isto confunde as coisas e não leva em conta a inexorabilidade e inevitabilidade com que os acontecimentos se sucedem uns aos outros e particularmente a inevitabilidade dos ataques a esses objetos neste espaço interno, danificando-os, produzindo mudanças psicopatológicas que realmente precisam ser reparadas com sofrimento e restauradas a fim de que o processo de recuperação possa acontecer.

É neste ponto que Freud se encontrava e permaneceu até o fim de sua vida; era onde se encontrava em 1920 quando Melanie Klein, que estava estudando com Abraham nesse tempo, começou a trabalhar.

Ela imediatamente começou a ouvir coisas dessas crianças sobre espaços e em particular acerca de um espaço que estava dentro delas – nos seus corpos – de uma maneira muito concreta e particularmente dentro do corpo de suas mães. Ao lermos "O pequeno Hans", percebe-se que o pequeno Hans falava destas mesmas coisas, mas esta evidência não foi percebida por Freud. Ele falava do tempo no qual a irmãzinha Hanna estava dentro da caixa da cegonha, a caixa da cegonha estava dentro da carroça, a carroça sendo obviamente sua mãe, e estava muito intimamente ligado com seu medo que as carroças carregadas capotassem, a relação da carroça com o cavalo, e assim por diante.

Freud viu isso tudo muito claramente, mas não tomou interesse por isso. Ele não se interessou absolutamente pela proliferação das fantasias do pequeno Hans no período de tempo que precedeu o nascimento de

Hanna e no período de tempo que precedeu o nascimento dele, quando ele e Hanna estavam juntos na caixa da cegonha e as coisas que eles faziam, o que eles comiam, os lugares a que iam, etc.

Freud desprezou tudo isso e atribuiu ao fato que ele queria caçoar de seu pai, para vingar-se dele por causa da estória da cegonha, isto é, penso que Freud diz alguma coisa como: "se você espera que eu acredite nesta estória da cegonha, você tem que acreditar nessa bobagem toda". Penso que ele pôs isso de lado.

Essa foi a evidência que Melanie Klein não pôs de lado e que a colocou dentro da totabilidade da questão dos espaços, espaços dentro do self, espaços dentro do objeto e um lugar onde coisas concretas aconteciam e tinham conseqüências evidentes e implacáveis e que podiam ser estudadas como parte dos processos de transferência. Para mim esta é de fato uma grande mudança, porque foi a partir do estudo desses processos de fantasias ligadas a esses espaços, que se originaram nossos conceitos do complexo de Édipo pré-genital e a concretude dos objetos internos que prenunciam o complexo de Édipo genital, as relações dos objetos parciais, e assim por diante.

Todo o trabalho que ela produziu nos anos 30, que foi tão controvertido na época tem origem nisso. Ela trabalhou até 1946 para conseguir entrar no problema da identificação. Foi em 1946 que ela apresentou o trabalho "Notas Sobre Alguns Mecanismos Esquizóides" no qual ela descreve processos de cisão e identificação projetiva.

Pelo termo, identificação projetiva, descreveu uma fantasia onipotente onde em combinação com processos de splitting, uma parte do self pode ser cindida e projetada dentro de um objeto e desta maneira toma posse do seu corpo, da sua mente e da sua identidade. Ela descreveu algumas das conseqüências que emergem dessa confusão de identidade em particular, algumas das severas ansiedades claustrofóbicas e ansiedades persecutórias relacionadas com claustrofobia.

A história do grupo chamado "Kleineano", desde 1946 é de um modo geral a história da investigação sobre identificação projetiva e processos de cisão. O trabalho básico e as contribuições de M. Klein acerca do complexo edípico pré-genital, o desenvolvimento da técnica de análise de crianças e daí em diante foi todo o trabalho dela.

De 1946 em diante, as pessoas que trabalharam com ela, realmente se empenharam nisso, porque isso ocasionou uma terrível tempestade de fenômenos e problemas, problemas técnicos. Houve uma expansão quanto ao tipo de pacientes que podiam ser abordados através do método psicanalítico. Encorajou muita gente a aplicar o método psicanalítico a pacientes psicóticos e esquizofrênicos sem modificar o método. Deu-lhes instrumentos conceptuais com os quais podiam trabalhar para explorar os fenômenos que não podiam ser trabalhados anteriormente, como também nem conseguiam ser percebidos.

O ponto acerca da identificação projetiva é que se trata da descrição de um processo pelo qual uma identificação narcísica surge, trata-se de

um processo de fantasia onipotente de splitting de uma parte projetada do self em um objeto, seja este um objeto interno ou externo. Este processo resulta num fenômeno de identificação imediata com o objeto que é de alguma forma delirante, que é o aspecto identificatório da identificação projetiva.

Daí surge um espectro de fenômenos relacionados com a própria projeção e que é relacionada com experiências emocionais vividas através da fantasia de partes internas do self, que levam a ansiedades claustrofóbicas, e coisas relacionadas como a hipocondria, estados de despersonalização, confusão acerca de tempo e espaço, e assim por diante.

Quando eu comecei em Londres, em 1954, a identificação projetiva era usada pelas pessoas do nosso grupo como sinônimo de identificação narcísica. Nós estávamos contrapondo a isso os processos de identificação introjetiva, que Freud tinha descrito em relação ao conflito edípico genital e ao estabelecimento do superego. Processo que Mrs. Klein tinha mudado para uma fase anterior do desenvolvimento descrevendo a introjeção do seio, ambos, tanto o seio bom como o mau, e dos objetos parciais. Estes objetos internalizados que precedem o superego, ela chamou de superego e precursores dele.

Este processo de identificação introjetiva estava sendo percebido como muito diferente de uma identificação narcísica porque não era alguma coisa que acontecia num momento — um objeto era internalizado através da introjeção e este objeto através das funções do ego ideal, primariamente promulgado no ego, ou realmente no self, como ela dizia, através de certos caminhos, aspirava tornar-se como o objeto para ser digno dele, e tudo isso fazendo parte daquilo que ela chamou de Posição Depressiva.

Neste ponto, nós pensávamos que o problema de identificação narcísica estava de um certo modo resolvido, isto é, que falando em termos conceptuais eles eram produzidos por identificações projetivas. Havia apenas uma questão a pesquisar, o que começou a parecer como um campo de fenômenos quase ilimitado, relacionado a identificação projetiva e suas conseqüências.

Nós nos habituamos a usar o termo — não um termo muito bonito, vocês sabem, desde que não é poético mas parecia estar na ponta da língua e nós nos descobrimos dizendo, "identificação projetiva", "identificação projetiva", e tornamo-nos muito bláses e eu penso que muito descuidados também em relação a isso.

Por certo percebemos também que a interpretação através da teoria da identificação projetiva parecia nada acrescentar, em certas situações.

Começamos a ter problemas com certos tipos de pacientes e vimos que alguma coisa estava ligada a processos de identificação: certamente estava relacionado com narcisismo, mas parecia ter uma fenomenologia muito diferente daquilo que antes colocávamos sob a rubrica de identificação projetiva.

O primeiro artigo acerca disso foi escrito por Esther Bick, sob o título de "Função da pele nas relações de Objetos Primitivos" em 1968. Aí ela descreveu alguma coisa acerca do desenvolvimento dos estágios bem

iniciais da vida da criança, que ela percebeu ao observar, no seu trabalho de observação direta da relação mãe-bebê, alguma coisa que tinha a ver com estados de ansiedade catastrófica em alguns bebês cujas mães pareciam de alguma forma incapazes de contê-los.

Quando estas crianças ficavam ansiosas as suas mães também ficavam ansiosas e aí a criança ficava mais ansiosa e a espiral de ansiedade aumentava, levando o bebê a um estado desintegrado, um estado de agitação e a uma espécie de estado de desorganização, que não se constituía apenas de gritos, nem de acessos de birra, mas algo que poderia se descrever como desorganização.

Mrs. Bick começou a observar esse fenômeno também em certos pacientes que no geral não pareciam muito doentes: em candidatos – em pessoas que vinham para análise porque consideravam o seu trabalho empobrecido, sua vida social insatisfatória e vagas queixas patológicas – em pessoas que estavam de alguma maneira na periferia da comunidade analítica e queriam ser analisadas sem saber muito bem porquê.

Ela começou a observar que esses pacientes na sua vida onírica e na sua vida de vigília eram sujeitos a estados de desintegração temporária muito semelhantes àquilo que ela tinha observado nos bebês.

De repente eles pareciam não ter condições para fazer nada; tinham que sentar-se e começavam a tremer. Não que estivessem ansiosos como acontece comumente num ataque de ansiedade, eles apenas sentiam-se atolados, paralisados e confusos e não podiam fazer nada. Eles tinham apenas que sentar-se ou deitar-se até isso passar.

O material analítico desses períodos e os sonhos começaram a fazer aparecer uma imagem de algo que poderia aparecer num sonho como, um saco de batatas que se molhou e todas as batatas se esparramaram, ou num sonho em que o paciente de repente se urina ou no qual os dentes do paciente caem, ou seus braços caem ou coisas deste tipo, sem sentirem dor: processos de desintegração, como qualquer coisa que não consegue permanecer unida, não contida.

Ela começou a perceber que todas estas pessoas tinham problemas relacionados com a pele, ou como a experenciavam. Não tanto distúrbios dermatológicos, mas muito mais como sentiam suas peles, de que a pele era muito fina, de que facilmente se machucava, que facilmente podia se lacerar, não sentiam que ela fosse forte, e assim por diante.

Ela descobriu que para essas pessoas isto era uma experiência muito generalizada, não se sentiam bem sustentados por inteiro por uma boa pele, mas tinham outras maneiras para sentir que podiam manter-se sustentados e o que ela descreve no seu artigo, são algumas destas maneiras.

Alguns conseguiam se manter integrados, intelectualmente, através da sua inteligência e usando o "dom da lábia". Podiam manter-se integrados através de explicações e tinham explicações para tudo. Ela percebeu através da observação de situações de desorganização de crianças, que as verbalizações precoces eram encorajadas e que estas crianças não eram tão dadas a atividades, mas falavam o

tempo todo e se tornavam terríveis caixas de falar.

Ela observou que alguns pacientes adultos, se mantém coesos através da musculatura e eles faziam cultura física, levantamento de peso e atletismo, sua atitude para com a vida era muscular. Ao invés de pensar num problema, você o enfrenta e vê o que acontece e se não funciona busca outra forma, mas precisa mexer os músculos.

Mrs. Bick descobriu que na trajetória do desenvolvimento dessas crianças encontravam-se mães que tinham encorajado atitudes agressivas, assim como se fossem pequenos boxeadores, e riam excitadamente quando os filhos as atacavam com seus punhos. Esta é uma forma de superar estes estados de ansiedade e desintegração. Ela começou a denominar isso de formações de pele secundárias ou substitutos de formação da pele.

Todo o tempo em que ela descrevia isto para mim nos anos 60, ela sempre fazia assim (junta as mãos) e dizia alguma coisa acerca de – "eles estão colados, eles colam". Você sente na análise que são pacientes que nunca querem o término da análise, estão dentro de algo que consideram bom e eles querem ficar com você por toda a vida e mais seis meses.

Ela também pensou que estas pessoas tinham alguma dificuldade para introjetar e que não podiam utilizar muito de identificação projetiva, que a concepção de suas relações era muito para fora, que seus valores estavam ligados ao externo e não gerados por relações internas, nem baseadas em princípios internalizados, nem na observação de si mesmos, ou de suas próprias reações; mas como se eles se espelhassem nos olhos dos outros o tempo todo, copiando os outros, imitando-os, sensíveis à moda, preocupados com formalidades e status social e coisas deste tipo. Não que isso ocorresse necessariamente de forma ostensiva ou de uma maneira a ser percebida. De fato, como eu disse, a maioria deles eram "bem ajustados", uma expressão odiosa. Eles eram como eu disse, pessoas bem ajustadas e que normalmente não viriam para a análise se não estivessem nos limites da comunidade analítica, e vir para a análise era aquilo que devia ser feito. Na maioria das vezes vinham para a análise, porque um amigo deles estava em análise.

Mrs. Bick tinha uma impressão de que alguma coisa estava errada com os seus processos de identificação, que de algum modo não se utilizavam de introjeção muito bem, que não aprendiam nos processos através de experiências verdadeiras, que eles aprendiam meramente através da imitação dos outros e por certo nosso sistema educacional colabora com isso, podemos dizer que eles geralmente eram muito bem sucedidos do ponto de vista educacional, aprendem mecanicamente, imitadores e sem imaginação.

Todo esse tempo, eu estava trabalhando com um grupo de pessoas, um grupo de psicoterapeutas de crianças que estavam tratando autistas. Eu já havia trabalhado com crianças autistas aqui nos Estados Unidos, e comecei a aceitar pessoas para supervisão. Durante o fim da década de 50 e a década de 60, cerca de oito ou dez casos de autismo que estavam sendo tratados através da psi-

canálise, tinham sido encaminhados para que eu supervisionasse. Finalmente organizamos um pequeno grupo e começamos a estudar e rever material.

Começamos a descobrir coisas acerca de crianças autistas que chamou a nossa atenção: de algum modo essas descobertas se aproximavam do fenômeno que Mrs. Bick estava observando. Não quero entrar no problema do autismo como um todo, mas eu gostaria de enfatizar algumas das coisas que pensamos ter descoberto e que muito nos impressionaram.

Em primeiro lugar o que nos impressionou acerca dessas crianças, foi o fato de que depois de vários anos de tratamento psicanalítico, nós achávamos que podíamos dividir a fenomenologia que se manifestava clinicamente, em duas categorias. Primeiramente a categoria do fenômeno puramente autístico que permanecia o mesmo, nunca mudava, consistia de uma relação de itens de comportamento aparentemente com diferentes objetos na sala envolvendo simplesmente sentidos específicos e atividades muito simples (uma criança podia, sempre que entrasse na sala, ir chupar a maçaneta da janela, ou ir lamber o vidro da janela, ou cheirar a massa de moldar – itens como estes, muito simples e muito sensuais).

No começo ficou claro que devíamos assumir que todos os itens tinham significado e deveriam ser relacionados com todos os outros itens de comportamento, que todos os comportamentos deviam se juntar por um fio de compreensão, e assim por diante. Estes itens não se modificaram. Eles apenas se restringiram a ocupar um décimo de sessão quando antes ocupavam nove décimos. Eles podiam não surgir na quarta-feira e somente se apresentar na sexta ou na segunda-feira, antes e depois do fim-de-semana. Estes pareciam ser os itens autísticos.

Havia também uma segunda categoria de itens que nos pareciam mais complicados, eles não era repetitivos. Quando são separados da matriz autística, seria possível relacioná-los. Se fosse possível desfazer-se da matriz autística poder-se-ia perceber o que tinha sido juntado e descrevê-lo para alguém. Poderia ser pensado como o jogo comum de uma criança neurótica ou psicótica na sala de ludo, que poderia ser examinado psicanaliticamente e algumas vezes até ser um pouco compreendido.

Assim, pensamos que estávamos vendo nessa matriz de fenômenos autísticos alguma coisa muito simples, sem sentido, muito sensual, muito repetitiva e num certo sentido uma fuga da vida mental.

Neste mar de incompreensão havia alguns poucos itens de experiência significativa que gradualmente começaram a se aglutinar, gradualmente preencher as quartas-feiras, preencher o meio da semana ou o meio do período entre férias. Essas crianças começaram a demonstrar uma intolerância incrível às separações.

No início nós não tínhamos pensado nestas duas categorias em termos de dimensionalidade do espaço vital, nós pensávamos em termos de "mental", e "não-mental", como se no fenômeno autístico estivessemos vendo alguma coisa equivalente àquilo que pode ser visto no "petit-mal" ou no automatismo de um paciente comatoso.

Foi somente depois que estudamos em retrospecto, crianças que haviam estado em tratamento durante três, quatro, cinco anos, que nós começamos a pensar em termos de dimensionalidade, e em termos de espaço, e espaços e relações espaciais e do efeito disso sobre a relação com o tempo.

O que começou a emergir gradualmente enquanto falávamos e falávamos acerca disso, era que essas crianças fora da área de seu autismo, naquilo que começamos a pensar como post-autismo, sua psicose post-autista, funcionavam como se o espaço não existisse, haviam apenas superfícies, duas dimensões. As coisas não eram sólidas, somente superfícies em que podiam encostar-se ou que podiam sentir, cheirar, tocar e assim por diante, coisas das quais podiam tirar uma sensação, pois os fenômenos autísticos são correlatos às sensações. Eles se encostavam no seu analista, na superfície das gavetas. Pareciam não poder engatinhar nos lugares, como a maioria das crianças. Você poderia imaginar que eles nunca tinham tido bolsos e que nada nunca entrou nos seus bolsos. Pareciam não poder sustentar bem as coisas. As informações pareciam escorrer através deles. Também davam a impressão de que não ouviam bem. Tínhamos a impressão de que nossas palavras passavam por elas. Suas respostas pareciam tão defasadas que muitas vezes dava a impressão de que tudo que tinha ficado do que fôra dito, era uma espécie de perturbação musical que finalmente provocava uma reação favorável ou desfavorável. Suas relações com a parte de dentro e fora da sala de ludo era muito característica, parecia que realmente não distinguiam entre estar dentro ou fora. Um pequeno paciente caracterizou bem isso, quando entrou na sala de ludo e correu para a janela para ver se haviam pássados no jardim, e a princípio se ele via qualquer pássaro ficava extremamente triunfante. Nós assumimos que isto significava que ele estava dentro e eles estavam fora. Mas logo em seguida houve uma mudança e ele sentiu-se muito perseguido e começou a balançar seus punhos para eles. Em seguida correu para o analista e olhou na sua boca, ou nas suas orelhas e parecia muito claro que uma reversão tinha acontecido. Ele estava dentro e os pássaros fora e, de repente ele estava fora e os pássaros dentro e, dentro do analista, dentro do prédio, o que não podia ser percebido por ele.

Outra criança, por exemplo, tendia a desenhar casas, fazendo uma casa de um lado do papel e outra do outro lado e quando você levantava o papel contra a luz, você via que as portas se superpunham, isto é, uma espécie de casa que quando você abre a porta da frente e entra, você já está saindo pela porta dos fundos. Nós compreendemos que estas crianças estavam tendo dificuldades em conceber ou experimentar um espaço que podia ser fechado. Num espaço que não pode ser fechado, não há espaço algum. Aí então, tivemos a excitante experiência de ver alguns deles começar a fechar esses orifícios. Um menino, por exemplo, passou por um período no qual ele empapelou as paredes da sala de ludo e, empapelou as paredes do seu quarto, na sua casa, e então começou a desenhar mapas e, esses mapas consistiam prin-

cipalmente do caminho entre sua casa e o consultório. No começo esses desenhos pareciam representar que estavam acontecendo coisas terríveis, caos absoluto, desordem, carros de polícia que pareciam tornar-se criminosos de uma hora para outra, soldados que se tornavam loucos e assim por diante. Gradativamente, depois de um período de meses, começou a aparecer nesses desenhos, semáforos, pequenos guardas de polícia montada canadense e lentamente a ordem começou a aparecer. Aí então começou a fazer desenhos da parte de dentro da clínica onde estava sendo atendido, em que começaram a aparecer salas. Começaram a aparecer portas, as salas começaram a ter funções específicas e esses desenhos eram muito excitantes porque todos pareciam como a parte interna dos corpos. Não se pareciam de forma alguma com a parte interna de um edifício. Portanto alguma coisa deveria ter acontecido com essas crianças que as capacitava a tomar um objeto que estava tão aberto que era impossível entrar dentro dele, porque senão cairia fora dele, e o interno era como uma casa sem telhado. Se chove tanto dentro quanto fora – tanto faz ficar fora.

Gradualmente eles começaram a fechar os orifícios de seus objetos para fazer um espaço e começou a surgir desenvolvimento neles, em particular da linguagem, de um modo que não tinha ocorrido antes.

Foi nessa época que começamos a pensar em dimensionalidade e a pensar a respeito dos fenômenos autísticos como uma espécie de ausência de mente, em que havia apenas um certo fenômeno de tropismo com uma direção específica. Uma criança entrava e corria direto para a janela e chupava a maçaneta ou corria entre duas portas, uma porta que ela cheirava e outra porta que lambia e assim por diante, uma espécie de fenômeno de tropismo.

Essa relação numa superfície bidimensional com objetos nos quais não existem espaços e nos quais não podem ocorrer processos de identificação, e desenvolvimento parecia não ocorrer porque não poderiam utilizar-se de identificações projetivas, as quais requerem um espaço para penetrar, nem identificação introjetiva a qual requer um espaço onde é possível colocar alguma coisa dentro.

Nós percebemos que essas crianças tinha outra forma de identificação, alguma coisa que poderíamos chamar de imitação.

Pode-se ver isso algumas vezes nas suas posturas, outras vezes ouvir no seu tom de voz. De repente sai de um garotinho uma voz profunda dizendo "garoto mau". Pode-se perceber em relação as roupas que eles usam, que insistem em ter peças das mesmas cores daquelas que o analista usou no dia anterior. Percebe-se que tem dificuldade em se interessar por coisas novas. Que é sempre a coisa que tinha interessado o analista e despertado sua atenção, que é repetida inúmeras vezes.

Nós começamos a perceber uma ligação entre o que observamos nas crianças autistas e o que Mrs. Bick estava observando nos seus pacientes e nas crianças. Começamos a pensar que estávamos observando um novo tipo de identificação narcísica e que não podíamos mais pensar em identificação projetiva como sendo sinô-

nimo de identificação narcísica, porém tínhamos que pensar em identificação como um termo mais amplo. No mesmo sentido de que defesa também tornou-se um termo mais amplo e que compreendia também a represssão.

Tínhamos que pensar em identificação narcísica como um termo mais amplo, com identificação projetiva agrupada sob ela, e nós decidimos chamar esta nova forma de identificação narcísica de "identificação adesiva". Um tipo de processo de identificação ocorreu, o qual nós pensávamos que seria muito próximo de um mimetismo e relacionado muito de perto com o que Mrs. Bick estava observando nesses pacientes em relação à pouca profundidade dos valores e sua externalização.

O tempo parecia não estar implicando como numa quarta dimensão. Realmente quando há um aprofundamento deste assunto, uma relação apropriada com o tempo é uma aquisição muito sofisticada e nós começamos a fazer observações refletindo mais sobre isso, e reconhecemos que nossos pacientes que se caracterizavam pela bidimensionalidade tinham uma relação com o tempo muito oscilante. O tempo ia numa direção e depois voltava, depois ia noutra direção e voltava e realmente não se movia. Quando eles saíram deste ponto e tornaram-se mais tri-dimensionais, mais ligados aos espaços, passaram a ter um relacionamento mais circular com o tempo, no qual este é sentido girando, tornou-se cíclico. Dia e noite eram diferentes, mas sempre se voltava ao mesmo lugar. O tempo não chegava a lugar algum e você na realidade não envelhecia, algo crescia, alguma coisa murchava e morria. Mas realmente não envelhecia de um modo inevitável sendo o envelhecimento uma espécie de acidente causado por um planejamento mal-feito ou negligência ou a agressão dos outros. A progressão para uma quarta dimensão, para uma apreciação do tempo como um processo linear como um processo de toda uma vida, como algo que tem um começo definido e seu fim, é algo que vem muito mais tarde. O pequeno Hans pensou sempre ter estado na caixa da cegonha antes de sair de lá. Agora que havia uma razoável conquista sofisticada e tinha alguma coisa a ver com a conquista que a Sra. Klein descreveu como posição depressiva, isto é, uma mudança da egocentrismo e preocupação consigo mesmo, segurança e conforto, para uma preocupação primária com o bem-estar dos objetos.

Esses processos relacionados com confusão acerca do tempo e atitudes frente ao tempo podiam agora ser mais percebidos na fenomenologia do consultório e trazidos para o trabalho de interpretação.

Assim nós rotulamos esse termo de "identificação adesiva" e quanto mais pensamos acerca dele, mais começamos a perceber que ele tem lugar na vida de muitos de nosssos pacientes e nas nossas vidas. Isto é particularmente verdadeiro em relação a valores, a dificuldades em estabelecer valores internos, o que é uma fonte interna de valores. Por exemplo, percebe-se em pessoas que tem capacidade artística e parecem ter muito bom gosto em arte, são conhecedores, que muitas vezes eles relatam que sabiam muito bem que havia alguma coisa errada, porque quando iam a uma ga-